

FABRÍCIO CARPINEJAR

Segredos de um Violino



Ilustrações Ana Pez

edelbra

Segredos de um Violino

1ª edição, 2ª impressão

Ilustrações: Ana Pez

Projeto gráfico: Victória Piffero

Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298s

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Segredos de um violino / Fabrício Carpinejar ;

ilustrações Ana Pez. - 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.

112 p. : il. ; 21 cm. (Pedaços de vida ; 3)

ISBN 978-85-66470-53-6

1. Crônica brasileira. I. Pez, Ana. II. Título. III. Série.

14-11783

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

2015

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida

ou copiada, por qualquer meio,

sem a permissão por escrito da editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda.



FABRÍCIO CARPINEJAR

Coleção Pedacos de Vida

**Segredos
de um
Violino**

edelbra

Sumário

Uma praça, um filho, o susto de crescer	11
O mar pede um tempo	15
Ouvindo conchas	19
Relaxa, pai!	23
Dentes de leite	27
Mão grande	31
Vírgulas mudam o texto	35
Rua dos Beatles	39
Apego que vem do berço	43
Pensão é a paranoia masculina	47
Sozinho em meus problemas	51
Segredos de um violino	55
Cadeira de balanço	59
Viva-voz	63
O alienígena	67
O sacrifício filial	71
Vicente e Mariana	77
Coveiro de castelos	81
Pequeno goleiro	83
Aí tem coisa	87
Dar a sombra	91
Passa rápido	95
Disfarces	97
Respeito ou indiferença?	101
Paozinho de queijo	105
Fabrício Carpinejar	109
Ana Pez	109





UMA PRAÇA, UM FILHO, O SUSTO DE CRESCER

Quando soube que seria pai, tossia com as pálpebras. Soletrava o sopro.

A vida era finalmente maior do que eu.

Bem maior. Não tinha como organizá-la, por onde pensar.

Falava por dentro: serei pai, serei pai, serei pai.

E toda a repetição vinha como uma frase nova, inédita.

“Serei pai” não era igual, trazia algo diferente a cada vez que batia na garganta. O mesmo chamado com uma emoção extravagante. Não me convencia, eu me ampliava. Aumentava de corpo cada vez que me dizia: “serei pai”.

Qualquer pai entende o embaraço, é quando perdemos o controle e somos completos.

Sentei na praça de mãos dadas com a minha namorada. Ela tampouco falava. Não era o susto do resultado, era o susto de crescer.

Foi um excesso de sentido. Uma vontade de contar para a cidade inteira que me parava nas próprias palavras. Não desci daquele banco, intencionado a não mudar tão cedo de sentimento, longe de substituí-lo por outra notícia.

Um silêncio de cadarço solto, chutando pedras. Olhei como nunca olhei o vendedor de algodão doce. Sua vassoura de cabeleira rosa. Olhei como nunca olhei a carocinha de pipoca. A brancura amontoada. Olhei como nunca olhei os barulhos das correntes dos balanços. A sequência de um tambor. Olhei como nunca olhei a gangorra bater no chão. Venezianas abrindo. Olhei como nunca olhei a mim mesmo.

Liguei o ventilador de teto das árvores e recebi estrelas antigas. Podia carregar o carteiro no colo e costurar a cesta de meus braços. Podia beijar uma freira na testa e pedir perdão por não rezar na noite passada.

Uma paciência milagrosa, logo para um cara que não conseguia nem abrir o saquinho de pães. Reclamava do nó da padaria. Furava o plástico antes do jantar, cavando o miolo aquecido. Minha mãe repreendia a malandragem. Por mais que me ensinasse a respeitar a ordem, descumpria a cronologia da mesa. Amava provocá-la.

Hoje é uma maravilha desfazer o nó. Soltar as abas com paciência. Prever o giro certo das pontas. Sinto-me maduro.

Mas sempre chego atrasado. Os filhos já desgovernaram as cascas, já bagunçaram a mesa com os farelos. Os pães escapam pelo furo.

Tenho a chance de repetir a raiva materna, desligo a censura e estou rindo adoidado. A paternidade é uma compaixão por aquilo que deixamos de ser. Uma praça entre duas ruas. A infância e a serenidade.

Praça é quando duas ruas se casam.

EDELBRA AMOSTRA



O MAR PEDE UM TEMPO

Quando há sol no litoral, a praia nos chama rápido com seu chiado de chaleira, a fome é maior do que o almoço, a sesta nem espera o bocejo, as crianças se divertem naturalmente. As horas correm de modo automático, quase um liga-desliga no próprio mar, sem a necessidade de controle remoto.

A chuva é que traz o nervosismo. Não contamos com um plano B ou uma saída alternativa. Vem a irritação. A geladeira é a única porta com luz.

Apesar do barulho chuvoso das calhas, tentei dormir até tarde para não decidir nada, mas fui obrigado a me acordar para não ter nada para decidir. A sensação é que não poderia desfrutar de vida naquelas 24h. Deveria deixar meu filho Vicente, sete anos, viver em meu lugar.

Fiquei interditado: é agora que meu filho vai se entediar. Não admitia que tivesse monotonia. Praia é sinônimo de verão inesquecível, um dia melhor do que o outro. Ele telefonaria para sua mãe no final da tarde e reclamaria:

– Hoje foi péssimo, não fizemos nada.

Já o pressenti riscando o dia de sua agenda, desenhando uma cruz nas paredes, amaldiçoando minha absoluta ausência de criatividade.

Comecei a me angustiar. Como posso alegrá-lo? Queria ler e larguei os poemas de Antônio Nobre na cabeceira. Queria caminhar e abandonei a excitação dos exercícios. Somente pensava em como satisfazer meu filho. Já era uma profissão, uma questão emergencial.

De cara, armei uma guerra de travesseiros, pena que esqueci que não tinham penas. Não houve aquela imagem linda de plumas esvoaçando, a cena só doeu. Ele choramingou quando dei um safanão com a fronha em suas costas. Não dosei o gesto e quase perdi sua cumplicidade. Depois de acalmá-lo, partimos para jogar pingue-pongue. A bola quebrou no meio com a violência da raquetada. Não desanimei, estava obcecado em arrancar a felicidade de seus lábios e entrever os dentes do fundo. Partimos para assistir filmes no DVD, com pipoca. Mal terminou e o convidei para um futebol na areia. Emendei a saída para comer crepe. Em seguida, disputar fliperama. Não existia folga, experimentava uma gincana escolar, ávida de algazarra, ininterrupta.

Quando eu ia convidá-lo para brincar de taco, ele me observou com toda ternura:

– Me deixa quieto e sozinho um pouco.
– Por quê? Está triste?
– Não, estou com saudades de mim. Não consigo pensar.

A carência era minha, não dele. Não suportava a minha solidão, eu é que não sei ficar quieto. Não permitia meu filho definir suas vontades, descobrir seus impulsos. Odiava a chuva e julgava que ele tampouco gostava. Já fui me antecipando, raciocinando em seu lugar, impondo uma rotina de aventuras.

A paternidade não era substituí-lo, mas respeitar sua imaginação. O sofrimento aumenta na ânsia de disfarçar a dor.

Atolamos e sobrecarregamos as crianças porque concluímos que o silêncio é tristeza e que elas não têm coisa alguma para brincar.

Estamos errados. Elas se viram. Não há como subestimar a independência delas, a capacidade inigualável de arrumar amigos, fantasiar e idealizar jogos de meros prendedores e caixas de sapatos.

Levamos os filhos no *shopping*, levamos nos brinquedos, levamos nas lojas, levamos nas tabacarias. Sob alegação de preparar uma surpresa, nunca perguntamos se realmente querem sair de casa.

Vicente se distanciou de mim, sentou no chão do

quarto para brincar com seus bonecos. Conversava baixinho, zunia espíritos dos sons, articulava sirenes. Pela primeira vez no dia, soltou uma risada. Uma risada límpida, sem a minha ajuda. Aquilo me envergonhou. Talvez desejasse ser o responsável pela sua alegria, mas deveria cuidar primeiro da minha.

- Feliz, filho?
- Sim.
- Desculpa, não percebi o cansaço.
- Sabe por que chove, pai?
- Para diminuir o calor?
- Não, é para o mar pensar. Ele não consegue pensar com tanta gente dentro dele.

OUVINDO CONCHAS

Uma amiga acabou de ser mãe. Frase engraçada. Mãe é nunca acabar de ser.

Mirian mudou completamente o rosto. Está mansa, ela que é conhecida pelas rondas entre nomes e novidades. Permanece no mesmo assunto sem nenhuma indisposição. Aguarda que eu termine a pontuação para comentar algo. Fico até intrigado, logo ela afeiçãoada à sobreposição de temas e gula insaciável por fofocas.

Achou em si uma serenidade que poucos conhecem. A maternidade é a mais rigorosa espera que há na vida. Depois dela, a gente percebe que o amor platônico da adolescência era superficial. A distância entre as gerações era superficial. Qualquer frustração era superficial.

Uma ilha deserta torna-se insignificante diante do oceanoilhado.

Não estou me referindo à gestação, aos nove meses, à laboriosa arquitetura do quarto, das roupas, da véspera.

A paciência começa agora quando Artur nasceu. É o conviver com alguém que não expõe diretamente o que procura e exige nossos rompantes de adivinhação. O bebê se expressa pelo choro. E o choro não é sempre igual. Ele se comove pelo riso, podem ser cócegas. Existem tantas nu-

ances em seus lábios como o leque para o teatro Nô ou as castanholas para a dança flamenca.

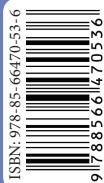
Toda mãe gostaria que o filho já falasse. Mas não adianta: ele não fala. Não irá pedir leite, não irá comentar que dormiu mal, não recomendará que se desligue a televisão ou que os pais parem de drama. Não dá para saber se está com dor, se está confortável, se está aquecido, se está com fome, se está incomodado. Deve-se tentar uma coisa e outra, as coisas ao mesmo tempo. Pegá-lo no colo para conferir a reação, deitá-lo no berço para controlar o movimento.

É possível montar um histórico dos sinais. Debruçar-se em seus braços indefesos, prevendo uma sequência, um ritmo, uma melodia. Formular uma continuidade dentro das necessidades. É possível criar horários, colher hábitos e condicionamentos, porém nunca ter certeza absoluta do que ele sente. É dormir com a incompreensão do cuidado: Será que ele vive feliz? Trata-se de uma solidão curiosa, uma espécie de incomunicabilidade comunicativa: oferecer tranquilidade ao não desfrutar da própria tranquilidade.

O desejo é de ouvir um par de vocábulos para se acalmar. Um aviso de que corremos no caminho certo, de que somos vocacionados; um pouco desajeitados, mas vocacionados.

A vontade é que a criança declare publicamente que é amada.

Não acontece, não vai acontecer.



Coleção Pedacos de Vida

“(...) Nenhum filho entra na sala como quem não quer nada, entra já querendo tudo. Larguei o livro como um prato usado. Olhei firme para meu menino e sua disposição de mudar o planeta com uma nova brincadeira.

Foi quando reparei no instrumento. Era um violino. Onde ele arrumou esse troço?”



edelbra